

## Relações que entremeiam leitor e livro: da materialidade à afetividade<sup>1</sup>

Implicit Relationships between the Book and the Reader:  
from Materiality to Affectivity

ILSA DO CARMO VIEIRA GOULART

Universidade Federal de Lavras

*Brasil*

ilsa.goulart@ded.ufla.br

NORMA SANDRA DE ALMEIDA FERREIRA

Universidade Estadual de Campinas

*Brasil*

normasandra@yahoo.com.br

(Recibido: 26-06-2014;  
aceptado: 03-11-2015)

Resumo. Este texto considera que ocorre um jogo de representação que desencadeia em torno do objeto-livro múltiplos significados, que repercute nos modos de produção e recepção. O artigo tem por objetivo estudar o livro, em sua materialidade, enquanto objeto de atração e de significado afetivo, como também as maneiras pelas quais os leitores se relacionam com este material na construção de sentidos. Através da análise dos depoimentos de alguns autores que escreveram sobre sua relação com o livro ou de fragmentos de várias obras que, de forma integral ou parcial, tematizam o livro como objeto concreto, além do conteúdo que ele carrega, o texto busca compreender como se constituem sentidos diversos sobre e com um objeto-livro. O texto tomará como base teórica as proposições de Chartier (1990, 1994, 1996a, 1996b, 1999), numa abordagem da História Cultural.

Palavras-chave: *Livro; leitura; leitor; construção de sentido.*

Abstract. This text considers what normally occurs in a game of representation: it triggers multiple meanings around the object-book. In some way it echoes the modes of production and reception. The aim of this article is to study the book through its materiality. It can be an object of attraction and/or of affective meaning, as well as a way in which the readers can relate to it. Through the analysis of the depositions that some authors have written on their relation to the book or to fragments of several works we can thematize the book as a concrete object, beyond the content it carries. We know that there is a search to understand how diverse meanings on the object-book can be obtained. This work will take the proposals of Chartier (1990, 1994, 1996a, 1996b, 1999) as the theoretical base for an approach to Cultural History.

Keywords: *Book; reading; reader; construction of meaning.*

<sup>1</sup> Para citar este artículo: Goulart, Ilsa y Ferreira, Norma (2015). Relaciones que entremeiam leitor e livro: da materialidade à afetividade. *Alabe* 12. [[www.revistaalabe.com](http://www.revistaalabe.com)]  
DOI: 10.15645/Alabe.2015.12.5

## Considerações iniciais

*Por mais que os leitores se apropriem de um livro,  
no final, livro e leitor tornam-se uma só coisa. O  
mundo, que é um livro, é devorado por um leitor;  
que é uma letra no texto do mundo; assim cria-se  
uma metáfora circular para a infinitude da leitura.*

*Somos o que lemos.*

*Manguel (1997)*

A eficácia dos meios tecnológicos de comunicação na sociedade contemporânea ganhou primazia e extensão nos últimos anos, abrange um público cada vez maior, que é quase impossível convivermos sem sofrer as influências ou sem fazer uso dos recursos que a tecnologia nos oferece. Na interação com a *era digital*, outras práticas de leitura e de escrita criam e cultivam novos suportes de textos e gêneros discursivos: o correio eletrônico, *sites* de pesquisa, o jornal em tela, conversas *on-line*, jogos e *sites* interativos, revista virtual e colocam sob suspeita o futuro do livro impresso.

O livro como objeto impresso vigorou, quase absoluto, durante séculos, como um importante suporte para registro e divulgação da escrita. No entanto, nas últimas décadas, disputa e propõe outras formas de leitura e de escrita inscritas e incentivadas pelos textos eletrônicos. Propaga-se em meio a uma variedade de suportes impressos, digitalizados, cinematográficos, entre outros, de modo que o “[...] texto vive uma pluralidade de existências”, conforme afirma Chartier (1999: 152).

Nessa direção, ainda que prestigiado em relação aos demais suportes de textos, paira uma inquietação sobre a importância e o futuro do livro na sociedade contemporânea. Talvez, por isso, nas últimas décadas, estudiosos da área da História do livro e da leitura Chartier (1990, 1994, 1996a, 1996b, 1999), Darnton (1990) e Burke (1992, 2005), têm pesquisado, com mais ênfase, esse objeto, em seus modos de compreensão, de utilização e de apropriação dos leitores e sobre a ordem do mundo dos livros em uma determinada cultura, de um tempo e lugar.

Este artigo objetiva-se ao estudo do livro, em sua materialidade, e das maneiras pelas quais o leitor, na sua relação com ele, atribui-lhe um significado. Partimos da convicção de que há, além de uma relação puramente intelectual, uma ligação afetiva entre o leitor e o livro, enquanto objeto cultural capaz de lhe provocar escolhas, atitudes, sentimentos, uma prática de leitura.

Conforme nos declara Chartier (1999: 8): “[...] as obras, os discursos, só existem quando se tornam realidades físicas, inscritas sobre as páginas de um livro, transmitidas por uma voz que lê ou narra, declarados num palco de teatro”. O texto não existe fora de um suporte que o sustenta; ao adquirir uma forma, seja ela impressa ou eletrônica, ganha uma força própria de atuação sobre o leitor.

Para o autor, a estrutura material de qualquer texto, previamente pensada e programada por seus editores, impõe um sentido, que por sua vez desencadeia um determinado uso e prática do leitor em busca de apropriação deste material.

Se tomarmos como base que a leitura não é somente uma habilidade cognitiva e, sim, uma busca e produção de sentidos, que varia de acordo com determinada cultura, época e lugar, é possível indagar: quais e de que modo o livro, enquanto objeto, incita determinadas reações e sentimentos? Como se constitui a produção de sentidos nesta relação entre o leitor e o livro como um objeto cultural?

Longe de apresentar considerações e afirmações com enfoque comparativo de diferentes maneiras ou práticas culturais de leitura que decorrerão longo do tempo, visto que “[...] os gestos mudam segundo os tempos e lugares, os objetos lidos e as razões de ler” (Chartier, 1999: 77). A análise proposta, neste artigo, volta-se para o livro, tomando sua estrutura física – suporte textual – como elemento constitutivo de significados na apropriação da leitura.

Para Chartier (1994) é importante dar atenção ao objeto tipográfico, pois os textos, manuscritos ou impressos, em livros são objetos cujas formas comandam, se não impõem um sentido ao texto que carregam, ao menos os usos de que podem ser investidos e as apropriações às quais são suscetíveis.

A relevância atribuída à materialidade tipográfica puede retirar acontece quando cada projeto editorial dado a uma obra, é previamente pensado, planejado e moldado com intuito de abrigar um determinado texto e atingir as expectativas de um determinado leitor, o qual irá se apropriar desse material de uma maneira específica, utilizando-se de diferentes usos e práticas de leitura, propondo-lhe novas significações.

Para este artigo, selecionamos fragmentos de várias obras que, de forma integral ou parcial, tematizam o livro como objeto concreto, além do conteúdo que ele carrega. Um trecho de uma obra que lembra outro e, assim, fomos aproximando diferentes excertos reunindo-os, agrupando-os movidos por uma temática sugerida pela própria relação entre o autor e o seu material de leitura.

Algumas dessas obras são identificadas como autobiográficas, como Bojunga (2004), Machado (1996) e Queirós (2012) centradas na memória, relatam experiências de leitura vividas pelos seus autores. Outras pertencem ao gênero literário, em que o narrador lírico, como em Andrade (1989) e Pennac (2008), ou protagonista, em Zusak (2007), Ende (1985) e Calvino (1999), expressam sua relação com o livro. A fronteira entre um texto biográfico e um literário, principalmente nesse caso, é tênue. Os autores escolhidos, sem dúvida nenhuma, considerados leitores exemplares, são consagrados e reconhecidos pela crítica literária, ocupam uma posição de destaque na mídia, são formadores de opinião quando se trata de apresentar suas ideias sobre educação literária dos leitores. Portanto, ao descreverem e relatarem sua relação com a leitura através do objeto-livro, ao destacarem certas experiências de leitura desde a infância, com os livros mais marcantes que influenciaram na for-

mação pessoal e profissional, o fazem no interior do lugar que ocupam socialmente.

Nesse caso, estaremos trabalhando neste artigo com as representações – mais ou menos ficcionais – que esses autores constroem em sua relação com o livro e que desejam torná-las públicas.

O livro, como objeto físico, concreto e real, é percebido pelo sujeito que o usa, não apenas de forma direta, mas mediado por representações que são construídas por grupos sociais e culturalmente compreendidas e incorporadas (Chartier, 1996). Diferentes grupos criam, impõem e legitimam representações distintas, do mesmo objeto, aos indivíduos: para a cultura escolar, por exemplo, o livro pode representar conhecimento, informação; para a cultura religiosa, pode representar um objeto sagrado, que exige respeito e devoção; para a cultura acadêmica: intelectualidade, um objeto peculiar, de valor inusitado.

Esse jogo de representação, que acontece num plano de concorrências e competições, promove em torno do objeto-livro múltiplos significados, nos modos de produção e recepção, como também nos modos de circulação na sociedade.

Pode-se dizer que há tantas formas para os livros quanto leitores para o lerem, quanto para as diferentes representações que esse objeto incita em seus leitores:

[...] que apreenda em conjunto, mas cada um no seu lugar, todos os atores e todos os processos que fazem com que o texto se torne um livro, seja qual for a sua forma. Esta encadernação do texto numa materialidade específica carrega as diferentes interpretações, compreensões e usos de seus diferentes públicos. (Chartier, 1999: 18).

Neste sentido, este texto parte da premissa de que há várias interpretações, compreensões e usos do objeto-livro, considerando que a forma física repercute diretamente na produção de sentido de uma obra, o artigo traz um diálogo com discussões teóricas a respeito da materialidade do livro, para, em seguida, apresentar possibilidades de interação com o objeto-livro.

## **A materialidade do objeto livro na produção de sentido**

O livro, como suporte para o texto, possui uma materialidade, um formato e tamanho, se constitui por uma reunião de folhas impressas e encadernadas, um “espaço legível”:

A imprensa representa essa articulação do texto no corpo mediante a escritura. A ordem pensada – o texto concebido – se produz em corpos – os livros – que a remetem, formando calçamentos e caminhos, redes de racionalidade através da incoerência do universo. (Certeau, 2007: 236).

Na sociedade escriturística, a metáfora do livro, como corpo, é lembrada por vários autores. Manguel (1997: 196) nos mostra que o uso de metáforas na relação leitor/leitura, leitor/livro, são muito antigas: “[...] dizer que um autor é um leitor, ou um leitor, um autor, considerar um livro como um ser humano ou um ser humano como um livro, descrever o mundo como um texto ou um texto como o mundo são formas de nomear a arte do leitor”.

O livro é nomeado pelas partes homônimas do corpo humano. Também ele tem orelha, costas ou pé da página, cabeçalho etc. Ele ouve, fala e aceita a escrita:

Não há direito que não se escreva sobre os corpos. (...) Do nascimento ao luto, o direito se “apodera” dos corpos para fazê-los seu texto. Mediante toda sorte de iniciações (ritual, escolar, etc.), ele os transformam em tábuas da lei, em quadros vivos das regras e dos costumes, em atores do teatro organizado por uma ordem social (aspas do autor). (...) A lei se escreve sobre os corpos. Ela se grava nos pergaminhos feitos coma pele dos seus súditos. Com eles faz o seu livro. (Certeau, 2007: 231).

Atribuir ao livro um aspecto humano é trazer um gesto encarnado no leitor, conforme Andrade (1988): “Esta é a orelha do livro/ por onde o poeta escuta /se dele falam mal ou se o ama/ uma orelha ou uma boca/ sequiosa de palavras”<sup>2</sup>.

O adentramento primeiro contato com o livro, desencadeador da leitura, acontece na exterioridade; o leitor utiliza-se das sensações, como forma de interação com esse material. Segundo Martins (1986: 42), “[...] antes de ser um texto escrito, um livro é um objeto, tem formas, cor, textura, volume, cheiro. Pode-se até ouvi-lo se folhearmos suas páginas”.

A materialidade do livro convida ao manuseio, há uma necessidade de senti-lo com as mãos, sua forma sugere uma escolha, para determinada ocasião ou lugar, sugere interesses e finalidades da leitura, conforme Manguel (1990: 149):

Minhas mãos escolhendo um livro que quero levar para cama ou para mesa de leitura, para o trem ou para dar de presente, examina a forma tanto quanto o conteúdo. Dependendo da ocasião e do lugar que escolhi para ler, prefiro algo pequeno e cômodo, ou amplo e substancial. Os livros declaram-se por meio de seus títulos, seus autores, seus lugares num catálogo ou numa estante, pelas ilustrações em sua capa, declaram-se também pelo tamanho. Em diferentes momentos e em diferentes lugares, acontece de eu esperar que certos livros tenham determinada aparência, e, como ocorre com todas as formas, estes traços cambiantes fixam uma qualidade precisa para a definição do livro. Julgo um livro por sua capa, julgo um livro por sua forma.

O comentário de Manguel aponta para a força da materialidade como objeto de atração e atuação sobre o leitor, que supera a ideia de que somente o conteúdo ou

<sup>2</sup> Este poema serviu como orelha ao volume *Poemas*, de Carlos Drummond de Andrade em 1959.

a mensagem de uma obra provocam mudanças, gestos, sentimentos, pensamentos e atitudes no leitor.

A propriedade tipográfica torna-se, deste modo, elemento importante e constitutivo na apropriação do texto pelo leitor, a forma também influenciará a construção do sentido no ato de ler. “O formato do livro pode ser decisivo para o seu significado”. (Darnton, 1990: 169).

## O Livro Amante e Companheiro

Na obra de Lygia Bojunga (2004), *O Livro – um encontro*, a autora descreve sua relação com o livro como uma troca que se procede através daquilo que se busca nele com o que este lhe oferece.

A autora personifica cada livro que marcou sua vida, lhe atribui gestos humanos acompanhados de uma situação de convivência e de relacionamento, tal qual acontece entre pessoas. Nessa relação, os laços de sentimentos de amizade, de amor, de companheirismo unem a leitora a um livro, que mais do que objeto, é gente que como tal, olha, caminha lado a lado, ama e pode ser amado.

Para Bojunga (2004: 15), um: “caso de amor”, um flerte, uma troca de olhares entre duas pessoas: “[...] a gente ficou se olhando um tempão”, ou mesmo, um toque nas mãos seguras de um companheiro: “Eu tinha ido sozinha, mas saí tão... de mãos dadas com Fernando Pessoa”.

Um caso de amor, apenas? “Não, são seis”, declara a autora, objetos de leitura carregados de envolvimento íntimo, de uma relação que, como entre as pessoas, necessita de um tempo para ganhar conhecimento, intimidade, cumplicidade, define essa interação com o livro como: um “namoro”, um “casamento” ou mesmo uma “transa”: “Eu tive seis casos. Casos de amor, eu quero dizer. E, para mim, um caso de amor é coisa de envolvimento intenso”. (Bojunga, 2004: 15).

Seus “seis casos de amor”, os seis autores<sup>3</sup> não marcaram somente a leitura, mas sua própria vida, seguidos de uma circunstância vivida, um verdadeiro encontro com o texto, com a vida e consigo mesma.

Por um autor, não identificado por Bojunga e que, segundo ela, ligado a uma leitura não legitimada pelos amigos, a autora constrói uma relação clandestina: “O meu coração batia quando eu entrava numa livraria e descobria um livro dele que eu ainda não tinha lido. Ia logo ler. E lia escondido”. (Bojunga, 2004: 30).

A simples confirmação de que o livro estaria ali, por perto, possível de ser manuseado, lido, provoca-lhe reações, como palpitações, desperta nela sentimentos ambíguos, ações “ilegítimas”.

<sup>3</sup> Bojunga (2004) escreve a respeito de seis obras que marcaram sua vida, enquanto leitora e escritora, entretanto cita, apenas, cinco delas: *Reinações de Narizinho*, de Monteiro Lobato; *Crime e castigo*, de Dostoiévski; Edgar Allan Poe; *Cartas a um poeta*, de Rainer Maria Rilke; *Obra poética*, de Fernando Pessoa. Uma das obras, a autora faz questão de deixá-la no anonimato.

Com Rilke, o livro tornou-se companheiro de todos os momentos, tal qual um companheiro, andou com ela por diferentes ocasiões e lugares, em trágico acidente caiu no mar e conta: “Ele morreu afogado. Foi horrível”. (Bojunga, 2004: 40).

Outra escritora, Ana Maria Machado (1996), em sua obra: *Esta Força Estranha*, também descreve seu percurso como leitora e escritora, uma vida marcada pela presença dos livros, de pessoas queridas e significativas.

O livro com sua forma, com seu conteúdo, passa a ser um disparador de emoções e fantasias, por este significado que lhe foi atribuído, torna-se alguém muito especial, um amigo e companheiro: “Mas que maravilha! Então se podia escrever assim? Não larguei o livro. Não larguei o Érico nunca mais, virou um amigo, um autor querido”. (Machado, 1996: 22).

Para as autoras Machado como para Bojunga, o livro provoca-lhe sensações e sentimentos, mexe com seu corpo: “E sei que, ao menos algumas partes, eu lia sozinha - não esqueço do livro, da sensação de pegar um pão quentinho e cheiroso, com manteiga derretendo, e ir deitar na rede ou sentar de través na poltrona, com o livro na mão, coração batendo forte [...]” (Machado, 1999: 18); que desperta-lhe lembranças e saudades: “[...] minha atração pelos versinhos era tão grande, que logo aumentei o repertório com Poesias Infantis, de Olavo Bilac, livro que adoraria reencontrar hoje” (Machado, 1999: 19-32); oferece-lhe conforto e ajuda em momentos difíceis: “A sorte é que, quando a barra pesava, livro ajudava. Com o livro eu sonhava, viajava, vivia outras vidas”.

Lygia Bojunga e Ana Maria Machado, escritoras reconhecidas e premiadas por sua produção literária, revelam, em suas memórias, representações do livro como objeto que ganha conotação humana, que são geradores de relacionamentos e experiências marcantes, duradouras e inesquecíveis.

O livro parece envolto de uma relação de companheirismo, proximidade e intimidade. Juntamente a estas características percebe-se nas palavras de Bartolomeu Campos de Queirós (2012: 37) sentimentos de incompletude e êxtase mediante a grandeza da obra ou do ela representa:

Ficava intrigado como num livro tão pequeno cabia tanta história, tanta viagem, tanto encanto. O mundo ficava maior e minha vontade era nunca morrer para conhecer o mundo inteiro e saber muito, como a professora sabia. O livro me abria caminhos, me ensinava a escolher o destino.

Eu pedia o livro emprestado, depois que Dona Maria terminava. Levava para casa e brincava de escola com meus irmãos menores. Assentava com o livro, com pose de professor, e lia para eles. Era difícil guardar tanta beleza só para mim.

O conteúdo das histórias selado sobre a materialidade do livro permite ao leitor um movimento ativo da ação leitora. Queirós (2012: 45) parece desfrutar de uma leitura intensa e suntuosa, em busca da compreensão e dos sentidos:

Eu abria o livro e soletrava, vagarosamente, cada palavra. Elas invadiam o mais profundo de mim instalando novos anseios, diferentes obstáculos e tantas paredes. Mas com o livro eu atravessava os muros, rompia com o caminho dos fantasmas, penetrava no entendimento possível a mim. Todo livro era uma parede que ao me revelar o escondido me propunha outros encontros. A leitura me desequilibrava. Cada metáfora estreava mais ambiguidades e, conseqüentemente, mais escolhas.

A relação entre leitura e leitor, apontada no texto autobiográfico de Queirós (2012: 61), indica uma ação da leitura que transcende a relação com a palavra impressa. A produção de sentidos, ao ler o livro, permite uma dinâmica de ir além de onde se está, a leitura reporta a outros espaços, isto porque para ele o “[...] livro é passaporte, é bilhete de partida”.

### A posse do Livro, o leitor possuído

Leitores diante do livro se descobrem tomados por um sentimento: um desejo de tê-lo consigo, tocá-lo, possuí-lo, o que pode desencadear ações distintas para a obtenção deste objeto.

No conto “*Felicidade Clandestina*”, Lispector (1998) cria um personagem – leitora ávida – que, no desejo incontrolável de ter emprestado o livro *Reinações de Narizinho*, de Monteiro Lobato, sofre com a recusa sistemática e sempre adiada da amiga que prometera o empréstimo. Quando finalmente a personagem consegue pôr a mão no livro:

Eu estava estonteada, e assim recebi o livro na mão. Acho que não disse nada. Peguei o livro. Não, não saí pulando como sempre. Saí andando bem devagar. Sei que segurava o livro grosso com as duas mãos, comprimindo-o contra o peito. Quanto tempo levei até chegar em casa, também pouco importa. Meu peito estava quente, meu coração pensativo. (Lispector, 1998: 12)

Para a personagem, ter o livro era iniciar uma relação que começava pela materialidade, sentir o objeto, apertá-lo contra o peito. Andava com o livro pela casa, comia junto com ele, fingia tê-lo perdido para depois procurá-lo. O livro estava com ela em atividades preferidas e sentia-o, e esta sensação lhe dava prazer. “Às vezes sentava-me na rede, balançando-me com o livro aberto no colo, sem tocá-lo, em êxtase puríssimo. Não era mais a menina com o livro: era a mulher com seu amante”. (Lispector, 1998: 12).

Não era apenas a leitura do texto que a seduzira, nem um título ou autor insistentemente desejados há muito tempo, também era ter sob seu domínio um livro grosso, tocá-lo e senti-lo, maneiras de se apropriar de tudo o que podia lhe oferecer, uma relação de amor que se fazia na clandestinidade.

A forma poética como Andrade (1998) em *Biblioteca Verde*, relata e descreve as manifestações espontâneas da criança para adquirir um livro, mostra, também, algo mais do que uma típica insistência infantil, mostra um desejo.

Esse desejo não é algo momentâneo, frágil, banal ou passageiro. É impulsionado por um sentimento de possuir, de obter um material inusitado e pouco apropriado – um volume completo de uma obra – que não era destinada especificamente para crianças:

Papai, me compra a Biblioteca Internacional de Obras Célebres.  
São só 24 volumes encadernados,  
Em percalina verde.  
Meu filho, é livro demais para uma criança.  
Compra assim mesmo, pai, eu cresço logo.  
Quando crescer eu compro. Agora não.  
Papai, me compra agora. É em percalina verde,  
Só 24 volumes. Compra, compra, compra.  
Fica quieto, menino, eu vou comprar. (Andrade, 1988: 115).

No contato com cada livro do volume, a criança é tomada por diferentes reações e sensações. Na leitura, no decorrer dos versos, também a materialidade, o aspecto físico se impõe como significativa etapa, primeiras carícias para um longo e forte relacionamento de amor: “Antes de ler, que bom passar a mão/ no som da percalina, esse cristal/ de fluida transparência: verde, verde” (Andrade, 1988: 116).

Olhar para o livro é apreciá-lo, enquanto um objeto, é atentar-se para sua forma, cor, tamanho, ilustração, cheiro, é tocá-lo e senti-lo concretamente: “Chega cheirando a papel novo, mata/ de pinheiros toda verde”. A partir do contato físico, de uma experiência sensorial da criança com o objeto, esbalda-se a leitura incontroleável, o deliciamento, a apropriação completa e declara: “Como te devoro, verde pastagem”. (Andrade, 1988: 115)

Ter um livro, aquele desejado e procurado para ler, nem sempre se procede por um empréstimo ou pela compra legitimada. Manguel (1997), por exemplo, declara em *Uma História da Leitura*, o desejo incontroleável de posse do objeto pelos leitores, e revela que, aos dezesseis anos, arrumou um trabalho numa biblioteca, cuja tarefa diária era tirar o pó dos livros:

Infelizmente, muitos dos livros tentavam-me para além da limpeza, eles queriam que alguém os segurasse, queriam ser abertos e inspecionados e, às vezes, nem isto era suficiente. Umás poucas vezes roubei um livro tentador; levei-o para casa, enfiado no bolso do casaco, porque eu não tinha apenas que lê-lo, tinha que tê-lo, chamá-lo meu. (Manguel, 1997: 29).

Para o autor, a leitura não acontece simplesmente no texto contido no livro, mas também no suporte que acompanha cada edição, o tipo do material de que é feito, as características que o contêm, ou que se fizeram após manuseá-lo: uma folha rasgada ou dobrada, uma mancha de café, são indicadores dos modos como a leitura foi realizada, são indicadores de gestos de um leitor. O desejo de posse está ligado à ideia de que cada livro é único, que ele pode carregar marcas deixadas pelo seu dono/leitor, uma cumplicidade reveladora, indícios de uma leitura dominada e possuída.

No livro *A menina que roubava livros*, de Markus Zusak (2007), sua personagem principal, Liesel Minenger, uma menina de 11 anos, vive uma história comovente no meio da Segunda Guerra Mundial. Em meio à pobreza e inúmeras dificuldades, Liesel encontra refúgio nos livros. Movida por um desejo muito forte de possuí-los, rouba-os, um a um, e para ela, cada objeto continha um significado relacionado a algum momento de sua vida.

Quando rouba o primeiro livro, no cemitério, ao enterrar seu irmão, nem mesmo sabia ler, precisava naquele momento de algo que fosse seu, que estivesse consigo. O livro, objeto físico, não legível, representa a figura do irmão que morrera e da mãe que a abandonara:

Fitando as letras da capa e tocando o texto impresso na parte interna, ela não fazia a menor idéia do que o livro dizia. A questão é que o assunto do livro não tinha mesmo importância. O mais importante era o que ele significava. (Zusak, 2007: 38).

No decorrer da narrativa, a personagem rouba outros livros, não pelo conteúdo que este lhe oferece, mas pela situação dramática na qual está envolvida: morte, abandono, guerra, desemprego, doença, pobreza, fome, amizade. O livro, em sua materialidade, lhe oferece uma segurança, é seu objeto de valor inestimável:

A Rua Himel tornou-se uma procissão de pessoas confusas, todas às voltas com seus bens mais preciosos. Em alguns casos era o bebê. Em outros, uma pilha de álbuns de fotografia ou uma caixa de madeira. Liesel carregava seus livros entre os braços e costelas. (Zusak, 2007: 336).

Livro roubado também está ligado ao personagem Bastian Baltazar Bux no conhecido livro *Histórias sem Fim* (Ende, 1985). Bastian, para se esconder dos colegas de classe que o perseguem, entra, por acaso, em um lugar que:

À sua frente estendia-se um compartimento comprido e estreito cujos fundos se perdiam na escuridão. Nas paredes havia estantes que iam do chão ao teto, abarrotadas de livros de todos os tamanhos e formas. No chão, empilhavam-se montes de grandes manuscritos, e em algumas mesinhas, havia também montes de livros menores, encadernados em couro, com capas enfeitadas a ouro. Por trás uma parede de livros

da altura de um homem, colocada ao fundo do compartimento, brilhava a luz de um candeeiro. (Ende, 1985: 1).

Para alguém que decididamente sabia que sua paixão eram os livros (Ende, 1985: 6), ele percebia, apesar da atmosfera de mistério daquele lugar, que seus olhos não paravam de se movimentar por entre aqueles objetos – livros de diferentes formas, espalhados. Até que:

Bastian deu-se conta de que durante todo o tempo estivera olhando fixamente o livro que o Sr. Koereander tinha nas mãos e que se encontrava agora sobre a poltrona de couro. Era como se o livro tivesse uma espécie de magnetismo que o atraía irresistivelmente. Levantou o livro e olhou-o por todos os lados. A capa era de seda cor de cobre e brilhava quando ele mudava o livro de posição. Folheando rapidamente o volume, observou que estava impresso em duas cores diferentes. Não parecia ter gravuras, mas as letras que iniciavam os capítulos eram grandes e muito ornamentadas. Examinou melhor a capa, descobriu [...]. (Ende, 1985: 66).

O livro o atraía pela materialidade, mas esta é responsável por aguçar-lhe curiosidade, interesse, ansiedade, e também por indiciar – letras ornamentadas ou não, de cores e tamanhos diferentes – o que poderá encontrar no seu interior. Nesta materialidade e não em outra, é que o livro provoca e alimenta o desejo de possuí-lo:

Tinha de o conseguir a qualquer custo! [...] e Bastian sabia que não podia ir embora sem o livro. Percebia que agora que tinha entrado na loja por causa daquele livro, que o livro o tinha atraído de alguma forma misteriosa, porque queria pertencer a ele. Porque, de fato, a ele pertencera desde sempre! (Ende, 1985: 7).

E quase que, silenciosamente, quase que, de forma mecânica, Bastian esconde o livro embaixo do casaco, abraça-o contra o peito e começa a correr. Tinha conseguido o *Livro dos livros!*

A questão entre livro e leitor parece estar na relação de pertencimento, objeto que ora lido torna-se parte de mim, porque segundo Pennac (2008: 122) “[...] poucos objetos despertam, como o livro, sentimento de absoluta propriedade”. Pertencendo ao leitor, o livro serve às suas vontades.

Desde que um livro caia em nossas mãos, ele é nosso, exatamente como dizem as crianças: “É meu livro!”... parte integrante de mim mesmo. É sem dúvida a razão pela qual dificilmente devolvemos os livros que nos emprestam. Não é exatamente um roubo... (não, não somos ladrões, não...), digamos, um deslizamento de propriedade, ou melhor, uma transferência sob de substância: o que era do outro sob os olhos dele torna-se meu enquanto meus olhos o devoram, e palavra, se gostei do que li, sinto certa dificuldade em “devolvê-lo”. (Pennac, 2008: 123)

Esta importância da materialidade de um livro para cativar novos e mais leitores não passa despercebida pelo mercado editorial. Livros são arquitetados e moldados aos gostos, desejos, interesses, expectativas e usos dos leitores a conquistar. Até mesmo para um mesmo texto, novas roupagens, novos projetos editoriais, atrativos, diferentes, criativos, com isso: “as obras individuais raramente mudam de uma edição para outra, mas a transformação no formato dos livros deu às peças um valor totalmente novo”. (Darnton, 1990: 169).

### Quando o livro adia a leitura

Em *Se um viajante na noite de inverno*, de Ítalo Calvino (1999), Você, o Leitor, personagem principal, como qualquer leitor, compra um livro na livraria.

Um livro sobre qual soubera a respeito do lançamento da edição e se enche de curiosidade para lê-lo. O primeiro exemplar vem com um conteúdo nas dezessete primeiras páginas que se repetem até o final e, ao ser trocado por outro, o segundo exemplar vem com as folhas grudadas:

Os prazeres que o uso da espátula reserva são táteis, auditivos, visuais e, sobretudo, mentais. Para avançar na leitura, é preciso um gesto que atravesse a solidez matéria do livro e dê a Você um acesso à substância incorpórea dele. Penetrando por baixo entre as folhas, a lâmina sobe impetuosa e abre um corte vertical numa fluente sucessão de talhos que investem contra as fibras uma a uma e as ceifam. Com uma crepitação hilária e amigável, o papel de boa qualidade acolhe esse primeiro visitante que prenuncia inúmeras viradas de páginas impelidas pelo vento ou pelo olhar. [...] Abrir uma passagem com o fio da espada na fronteira das páginas sugere segredos encerrados nas palavras: Você avança na leitura com quem penetra uma densa floresta. (Calvino, 1999: 48).

A materialidade do livro pode provocar sentimentos e lembranças tanto prazerosas quanto desastrosas, pode colaborar ou atrapalhar uma leitura programada. Aqui, diferentemente dos demais fragmentos presentes neste artigo, a corporeidade, no caso, uma impressão ruim – ausência ou duplicação de páginas, folhas grudadas – retarda o encontro entre texto e leitor. Mais do que isto, provoca no leitor gestos de quem como, numa floresta, sente o que significa desbravar algo de difícil penetração, pouco explorada.

Nesse caso, o personagem expressa seus pensamentos provocados no embate com os aspectos tipográficos do livro. Não são lembranças prazerosas, são as ações que adiam, retardam sua leitura, como a de folhear o livro e deparar-se com a alternância de páginas em branco e páginas impressas até o final da história:

Ai está: um romance tão densamente tecido de sensações súbito se apresenta dilacerado (...) Você experimenta saltar a lacuna, retomar a história agarrando-se ao trecho de prosa que vem depois, desfiado como a margem das folhas cortadas pela espátula. Você não se encontra mais; as personagens mudaram, os ambientes também, não dá para entender do que se trata, você só encontra personagens que não conhece [...]. Sobrevém a impressão de tratar-se de outro livro, talvez o verdadeiro romance [...] e nesse caso, o trecho que você já leu poderia pertencer a outro livro ainda, sabe-se lá qual. (Calvino, 1999: 48).

### Considerações finais

Além dos textos selecionados para este artigo, sabemos que outros autores entre outros personagens, declamaram em versos ou relataram em suas memórias, aspectos físicos, formas, cores, cheiros dos livros com os quais se encontraram e que, para eles, naquele ou em tempo longínquo, se tornaram únicos, inteiramente seus.

Se o texto existe no suporte que o carrega, se o livro impresso é uma de suas materialidades, um espaço estável e fixo, sua existência se efetiva quando com os leitores dão a ele sentidos múltiplos. E nessa produção incessante de sentidos, que se processa a cada leitura, uma liberdade sedutora e sem limites se abre, pois

O leitor não se garante contra o gasto do tempo (ele se esquece lendo e esquece o que já leu) a não ser pela compra do objeto (livro, imagem) que é apenas o ersatz (resíduo ou a promessa) de instantes “perdidos” na leitura. (Giard, 2007: 49).

Se a leitura, conforme Certeau (2007), não se deixa fixar e não possui reservas, o livro torna-se a concretização de um momento significativo da ação leitora, por apresentar-se como objeto real daquela experiência vivenciada, um objeto que se pode guardar numa estante, numa mesa, na memória. A posse do livro se efetiva não (apenas) pelo seu conteúdo, pela história que ensina, pelo estilo do autor, mas porque naquela edição, com aquela capa, aquela cor, aquele tipo de papel e letra, o livro pode lhe dar, pode lhe restituir a sensação, o sentimento, ou mesmo, uma pessoa, que estão ligados a um momento de leitura – singular – vivido. (Goulart, 2009 e 2011)

Se a leitura não resiste ao esquecimento oferecido pelo tempo (Certeau, 2007) e o leitor não pode garantir uma estabilidade daquilo que leu, ou a integralidade do sentido que atribuiu a determinado texto, ao contrário, o livro, como objeto, está ali, sempre, acessível, possível de ser visto, tocado, manuseado e lido novamente.

O livro, objeto físico e substancial, contribui para firmar diversos sentidos no leitor. Esta construção de sentidos varia tanto de indivíduo para indivíduo como para o mesmo. Um livro poderá suscitar diferentes significados para diferentes leitores. (Goulart, 2009 e 2011)

A relação entre o leitor e a leitura aparece cerceada pelo objeto-livro, num relacionamento, comparado a afinidades humanas, construído de sentimentos de afetividade, de cumplicidade, de companheirismo, de intimidade e de proximidade. E na relação leitor-leitura, intermediada pelo livro, surge sentimentos de pertencimento, de propriedade, de desejo de posse, de (in)satisfação, ansiedade ou (in)completude.

O texto escrito ao tornar-se um objeto-livro, materializado em um encadernamento de folhas, capa, tinta, cor, cheiro – naquela edição – persiste e se entranha nas memórias do leitor. Esta materialidade transforma-se num porto-seguro diante da multiplicidade de sentidos que se revela ao ato de ler. A cada novo contato, a cada provocação pelo título ou pelo autor da obra, a cena ressurgem: um leitor, um livro, um momento, um lugar, um encontro, uma emoção. Sentimentos emergem... Leituras e sentidos se constroem...

## Referências Bibliográficas

- Andrade, C. D. (1998). *Literatura Comentada*. 2.ed. São Paulo: Nova Cultural.
- Bojunga, L. (2004). *Livro: um encontro*. 6.ed. Rio de Janeiro: Casa Lygia Bojunga.
- Burke, P. (Org.). (1992). *A escrita da história*. Trad. Magda Lopes. São Paulo: UNESP.
- Burke, P. (2005). *O que é a História Cultural?* Trad. Sérgio Góes de Paula. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.
- Calvino, I. (1999). *Se um viajante numa noite de inverno*. Trad. Nilson Moulin. São Paulo: Companhia das Letras.
- Certeau, M. (2007). *A invenção do Cotidiano*. Artes de fazer. Petrópolis: Vozes.
- Chartier, R. (1996a). *História Cultural: entre práticas e representações*. Trad. M. M. Galhardo. Lisboa: Difel; Rio de Janeiro: Bertrand Brasil.
- Chartier, R. (1996b). *Práticas de leitura*. Trad. Cristiane Nascimento. São Paulo: Estação da Liberdade.
- Chartier, R. (1994). *A ordem dos livros: leitores, autores e bibliotecas na Europa entre os séculos XIV e XVIII*. Trad. M. Del Priore. Brasília: Ed. UnB.
- Chartier, R. (1999). *A aventura do livro: do leitor ao navegador*. Trad. Reginaldo de Moraes. São Paulo: UNESP.
- Darnton, R. (1990). *O Beijo de Lamourette: Mídia, cultura e revolução*. Trad. Denise Bottmann. São Paulo: Companhia da Letras.
- Ende, M. (1985). *A história sem fim*. Trad. Maria do Carmo Cary. São Paulo: Martins Fontes/Editorial Presença.
- Giard, L. História de uma pesquisa. In: Certeau, M. (2007). *A invenção do Cotidiano*. Artes de fazer (pp. 9-32). Petrópolis: Vozes.
- Goulart, I. C. V. (2009). *O livro: objeto de estudo e de memória de leitura*. Campinas, Universidade Estadual de Campinas. Dissertação de Mestrado apresentada à Coordenação de Pós-Graduação em Educação.
- Goulart, I. C. V. (2011). Um livro, diferentes modos de ler. *Revista Leitura: Teoria & Prática*, 29, 27-35.

- Goulemot, J. M. Da leitura como produção de sentido. In: Chartier, R. (1996). *Práticas de leitura* (pp.107-116). Trad. Cristiane Nascimento. São Paulo: Estação da Liberdade.
- Lispector, C. (1998). *Felicidade Clandestina*. Rio de Janeiro: Rocco.
- Machado, A. M. (1996). *Esta força estranha: trajetória de uma autora*. São Paulo: Atual.
- Manguel, A. (1997). *Uma história da leitura*. Trad. Pedro Maia Soares. São Paulo: Companhia das Letras.
- Martins, M. H. (1986). *O que é leitura*. 6.ed. São Paulo: Brasiliense.
- Pennac, D. (2008). *Como um romance*. Trad. Leny Werneck. Porto Alegre: L&PM; Rio de Janeiro: Rocco.
- Queirós, B. C. (2012). *Sobre ler, escrever e outros diálogos*. Belo Horizonte: Autêntica.
- Zusak, M. (2007). *A menina que roubava livros*. Trad. Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Intrínseca.